

Tessituras de tempos: uma abordagem histórica e etnológica da cultura material indígena nas práticas fúnebres em São Vicente Ferrer – Maranhão

Tessitures of times: an historical and ethnological approach to indigenous material culture in the funeral practices in São Vicente Ferrer - Maranhão

DOI:10.34117/bjdv7n6-177

Recebimento dos originais: 07/05/2021

Aceitação para publicação: 01/06/2021

Dimas dos Reis Ribeiro

Doutor em Serviço Social(Unesp)

Universidade Federal Do Maranhão (UFMA) - Campus Pinheiro

Endereço completo (pode ser institucional ou pessoal, como preferir): Travessa Dos Moraes, 30 Residencial Maria Clara, Casa 08 - Bairro Fomento - Pinheiro - MA.

CEP.: 65200-000

E-mail.: dimas.ribeiro@ufma.br ou profdrdimas@bol.com.br

Maria Elizia Borges

Doutora Em História Da Arte Pela Universidade De São Paulo (Usp).

Universidade Federal De Goiás (UFG)

Endereço: Rua 06, n°. 460, apto 1203, setor oeste, edifício Casagrande.

Goiânia – GO. Cep: 74115-070.

E-mail: maelizia@terra.com.br

Julyana Cabral Araújo

Especialista Em Filosofia Das Ciências Humanas (UFMA).

Mestranda em História (PPGH-UFG).

Universidade Federal De Goiás (UFG)

Endereço: Rua Projetada, Residencial Arcádia, CASA 17- BAIRRO Fomento - Pinheiro - MA. CEP.: 65200-000

E-mail.: julyanacabral007@gmail.com

RESUMO

O presente estudo apresenta uma proposta de pesquisa histórica e etnológica que objetiva identificar e caracterizar os modos de fazer os trançados de fibras vegetais utilizados em ritos fúnebres em São Vicente Ferrer – Maranhão. Dentro dessa perspectiva, os “cofos de cemitérios” como são chamados esses objetos moldam-se às práticas de celebrações do Dia de Finados, sendo incoerente entender sua finalidade fora do contexto das representações da morte nesta dada temporalidade, visto que, os objetos na ocasião estabelecem uma ligação entre os vivos e os mortos demonstrando a importância deste último na comunidade pesquisada. Portanto, objetivamos, investigar as relações históricas, sociais e antropológicas inerentes à dinâmica de um contexto ritualístico no Cemitério Municipal de São Vicente Ferrer. Dada a natureza do objeto, este é um trabalho de pesquisa que só poderá ser feito usando métodos que enxerguem esses objetos como “fontes vivas” capazes de falar por si mesma, ou seja, por meio da

etnografia com suporte da História Oral buscaremos o cruzamento de múltiplas fontes na tentativa de desvendar o objeto pesquisado, e é nesse aspecto, das relações humanas que se debruçará esse estudo, por meio de pesquisa de campo, análise de registros fotográficos e da memória das pessoas. Por todos esses aspectos, os modos de fazer e utilizar esses objetos são compreendidos como fenômenos sociais intrínsecos às relações individuais e coletivas e elaboradas por contribuições comuns de crenças envolvendo as representações de vida e morte que são exteriores as consciências individuais, pois são concebidas na interação com o meio social, ou seja, em relações recíprocas de produção e elaboração de sentidos envolvendo práticas que cruzam saberes interculturais.

Palavras-Chave: Século XXI. Cofos de Cemitérios. Morte. Cultura Material. Arte Funerária.

ABSTRACT

This study presents a proposal of historical and ethnological research that aims to identify and characterize the ways of making the braided of plant fibers used in funeral rites in São Vicente Ferrer - Maranhão. Within this perspective, the "cofos of cemeteries" as these objects are called are shaped by the practices of Day of the Dead celebrations, being incoherent to understand their purpose outside the context of the representations of death in this given temporality, since the objects on occasion establish a connection between the living and the dead demonstrating the importance of the latter in the researched community. Therefore, we aim to investigate the historical, social and anthropological relationships inherent to the dynamics of a ritualistic context in the Municipal Cemetery of São Vicente Ferrer. Given the nature of the object, this is a research work that can only be done using methods that see these objects as "living sources" capable of speaking for itself, that is, through ethnography with the support of Oral History we will seek the crossing of multiple sources in an attempt to unravel the object researched, and it is in this aspect, of human relations that this study will be addressed, through field research, analysis of photographic records and people's memory. For all these aspects, the ways of making and using these objects are understood as social phenomena intrinsic to individual and collective relationships and elaborated by common contributions of beliefs involving the representations of life and death that are external to individual consciousnesses, because they are conceived in the interaction with the social environment, that is, in reciprocal relations of production and elaboration of meanings involving practices that cross intercultural knowledge.

Keywords: 21st century. Cofos of Cemeteries. Death. Material Culture. Funeral Art.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo de natureza etnohistórica pretende compreender a importância da significação social dos modos de fazer os trançados de fibras vegetais utilizados em ritos fúnebres em São Vicente de Ferrer - MA¹, com base referencial nos estudos do projeto

¹ São Vicente de Ferrer localiza-se na porção centro-sul da Baixada Maranhense, sua população é de 20.870 habitantes, com uma área estimada em 390,4 km².

de Iniciação Científica (PIBIC) realizado entre os anos de 2014 a 2018 pela Universidade Federal do Maranhão².

Durante o levantamento de fontes realizado pelo projeto supracitado nas cidades da Baixada Maranhense evidenciamos um ritual envolvendo artefatos de palha (pequenos cofos) nas sepulturas do cemitério municipal de São Vicente de Férrer – MA, no Dia de Finados, em 2 de novembro, logo, percebemos que se tratava de um rito fúnebre pouco habitual comparado com outros rituais do Dia de Finados em outros cemitérios da região pesquisada.³

Um das metodologias utilizadas é o da etnopesquisa crítica⁴ associado aos métodos da História Oral, a escolha da abordagem metodológica objetiva incentivar a reflexão multidisciplinar permanente. De certo modo, o que funde a História e outras áreas das Ciências Humanas é a utilização de conceitos e métodos afins, pois, ao relacionarmos História e Antropologia, por exemplo, usaremos como modelo a vertente antropológica apresentada por autores como Clifford Geertz (1978) com sua técnica de “descrição densa”⁵ baseada no método etnográfico.

Logo, estabelecemos um diálogo com os métodos da História Oral por oportunizar o contato com as narrativas de pessoas envolvidas no uso e nos modos de fazer os artefatos trançados usados no cemitério. Segundo Albertini esse método é pertinente por “estudar as narrativas dos entrevistados” (ALBERTINI, 2013). Nesse sentido, a História Oral surge como aliada importante por oportunizar o encontro com a memória das pessoas, testemunhas vivas dos acontecimentos (HALBWACHS, 2003, p. 62).

Nesse intento este trabalho está coerente com a dimensão cultural da História, articulando elementos sob os quais uma sociedade ou indivíduo vivem e refletem sobre sua relação com o mundo e com os outros em diversas temporalidades. Buscando assim os significados dados pelos atores sociais em ação desde uma relação complexa entre

² O Programa de Iniciação Científica citado abrange um dos seguintes planos de trabalho: Arte Cemiterial: História, Iconografias e Devoções na Baixada Maranhense, orientado pelo Prof. Dr. Dimas dos Reis Ribeiro.

³ A recorrência do uso desse tipo de artefato pode ser localizada em mais dois cemitérios da região, em povoados que ficam entre os municípios de Pinheiro e Santa Helena.

⁴ A etnopesquisa crítica considera como objetos de estudo: o homem e a produção de artefatos como vias de interpretação dialógica entre a voz do ator social e o campo empírico analisado (MACEDO, 2010).

⁵ Nessa perspectiva, entende-se por “descrição densa”, o método de observação de cunho etnográfico/etnológico que consiste na relação do pesquisador com o campo pesquisado, rompendo com a noção de distanciamento do objeto e pesquisador uma vez que, a imersão do cientista no local de pesquisa é consideravelmente importante (GEERTZ, 1978).

evento e estrutura onde a História é ordenada culturalmente e de diversos modos, uma vez que os significados são reavaliados quando postos em prática. Neste sentido, é válido destacar as relações inerentes a dinâmica da cultura material em um contexto ritualístico no cemitério municipal de São Vicente de Férrer – MA.

2 DIA DE FINADOS E A TRAJETÓRIA DOS COFOS DE CEMITÉRIOS

O cemitério municipal de São Vicente Férrer - MA, localizado na zona urbana provavelmente quando construído ficava longe das habitações e pelo processo de crescimento populacional foi tornando-se parte da cidade. Tivemos dificuldades em encontrar documentações em prefeituras e cartórios sob o referido cemitério, já a lápide mais antiga que nos permite saber uma data aproximada do início das inumações encontrada em bom estado de preservação é datada do ano de 1909.

No dia de Finados, uma das datas em que esse cemitério é mais visitado o espaço passa do ar melancólico para uma verdadeira festa de luzes e visitas aos túmulos, nesse momento, o que nos chama atenção é a forma como pessoas utilizam objetos trançados a partir da folha da palmeira do babaçu, chamados de cofos urupi sem trança (a denominação urupi de origem tupi que dizer a palavra cesto) ou mesmo “cofo de cemitério”, conforme pode ser ilustrado nas figuras abaixo:

Figura 1: Artefato trançado. Fonte: Foto de Julyana Cabral Araújo, 2017.



Figura 2: Dia de Finados no Cemitério Municipal de São Vicente Férrer. Fonte: Foto de Dimas dos Reis Ribeiro (2017).



Os “*cofos de cemitério*” encontrados sob a maior parte das sepulturas do presente cemitério trazem marcas de uma arte utilitária e de caráter simbólico ao mesmo tempo. Nesse contexto, as pessoas interagem com o objeto, manuseiam e se encantam com as luzes como demonstrado na figura 4, onde crianças e seus parentes juntos partilham do momento de acender velas e oferecê-las aos seus entes falecidos, o fato do rito envolver crianças revela um aspecto interessante da tradição passada de geração em geração além do aspecto curioso com que elas brincam e celebram ao mesmo tempo.

Figura 3: Crianças e parentes na celebração. Fonte: Foto de Igor Rangel (2017).



Em outros casos, algumas pessoas sentavam sob os túmulos em torno dos objetos aguardando a queima das velas ou um possível processo de combustão entre a vela e a palha, por isso, levavam garrafas com água pra evitar acidentes. Em seguida, após a queima total das velas emprestavam os cofos para um conhecido ou por solidariedade a alguém que não havia levado o objeto na ocasião. Sobre essas relações de afetividade entre artefatos, pessoas e lugares, vale mencionar que:

A valorização dos saberes culturais, somados às memórias, geram experiências e emoções aplicáveis para a vida prática das novas gerações. A simples lembrança de um artefato ou lugar casual ou familiar é suficiente para fazer com que ele se eternize no coração do seu possuidor. A relação afetiva construída ao longo do tempo entre as pessoas e artefatos é um fator aplicável na lembrança de pessoas com vínculo ao grupo social, construindo laços fortes de identidade (MOURÃO, M.N; OLIVEIRA, A. C. C, 2021, p. 14265).

Para além da observação participante no local buscou-se os significados dos cofos de cemitério para alguns artesãos, na maioria homens, com idade superior a 50 anos, moradores da zona rural do município de São Vicente de Ferrer ou de bairros afastados da zona urbana. Podemos destacar que cinco deles tem uma relação de parentesco bem próxima, são irmãos, e aprenderam o ofício de trançar a palha com o pai.

Vale destacar que os objetos trançados produzidos por estes homens trazem as marcas da vida na roça onde esses objetos tinham outra finalidade como a de transportar a produção da lavoura, ou seja, é nas mãos dos artesãos que a palha é tecida e assim como o movimento de entrelaçamento da fibra vegetal, as trajetórias de vida dessas pessoas são narradas, pois, os objetos produzidos denunciam seus modos de vida.

Há de convir que esses homens são exímios narradores da trajetória dos objetos e da relação que estes têm com a tradição de fazer os objetos trançados. Por isso, se pode perceber que a relação entre homem e objeto passa pelo corpo, o narrador ao contar as histórias, faz uso do corpo, essencialmente de suas mãos“ com seus gestos, aprendidos na experiência do trabalho, que sustentam de cem maneiras o fluxo do que é dito” (BENJAMIN, 2012, p.239).

Dessa feita, os artesãos dos cofos de cemitério e de outros tipos de cofos utilizados no dia a dia ao falar desses objetos sempre recorriam ao objeto material, manuseando e explicando as técnicas, as funções e quem tinha lhes ensinado, quando questionado sobre o início de sua prática um deles prontamente responde:

Eu acho que desde quando eu comecei logo trabalhar, acho que foi dessa época que comecei fazer os cofos, Téo Pacheco falou comigo pra botar água pro gado dele e lá tinha um mato e o mato era doido, foi lá que eu estalei a pindova, foi lá, fazendo cofo, tinha dia eu fazia bonito, do jeito, até que um dia eu fazia dereitinho (SANTANA, 16 de maio de 2018).

Como podemos perceber na fala citada anteriormente esses objetos variam de acordo com a prática correspondente, pois, os cofos de cemitério como é relatado por um artesão: “só servem pra botar numa coisa que não entra vento, evitar o vento, colocam a vela e o vento passa por cima e o vento não apaga a vela, tipo uma lamparina, a palha é a mesma palha, mas pra esse serviço melhor a palha verde” (MONTEIRO, 16 de maio de 2018).

Por serem uma das artes conhecidas mais antigas da humanidade, os trançados de palhas e fibras vegetais convergem para uma multiplicidade de formas e utilizações, atribuindo identidade aos povos envolvidos nos seus usos. Ribeiro acrescenta que as “características de singularização e unicidade são acentuadas por meio de objetos, principalmente os de uso ritual”, eles compreendem também uma variedade de matérias-primas, técnicas e tecnologias (RIBEIRO, 1989, p. 114).

Por isso, pode-se afirmar que a função dos cofos de cemitério está ligada a um momento de efervescência ritual destinado ao espaço cemiterial. Nesse dia específico de “acendimento de velas”, como é denominado por um dos entrevistados, é comum às pessoas chegarem e pedirem pra fazer o “cofo de cemitério”. Conforme o interlocutor José Santana Silva o valor é cobrado conforme a condição da pessoa, variando entre 2 e 3 reais, alguns artesãos até fazem sem remuneração por si tratar de um objeto que segundo eles “envolve o sentimento das pessoas”. No entanto, é necessário que a peça seja encomendada com antecedência, pois, os artesãos precisam retirar a pindova⁶ com antecedência e abri-la para facilitar a tessitura.

No cemitério é percebida uma solidariedade através da troca dos objetos como: velas, banquinhos e cofos. Ao final do Dia de Finados, os cofos são deixados no local por já terem cumprido seu papel ritual e com o passar dos dias eles se reintegram novamente a natureza pela sua duração material efêmera.

⁶ Nome popular dado a folha da palmeira do babaçu e que segundo a denominação do pequeno vocabulário Tupi-português significa palmeira (BARBOSA, 1951).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acompanhando a trajetória percorrida neste estudo, propõe-se refletir sobre os vestígios do passado resgatados no presente, ou seja, as heranças culturais dos modos de fazer os objetos trançados, uma cultura que converge nas multiplicidades de saberes tradicionais em razão do processo de ocupação da região, sobretudo, por colonos, indígenas e povos africanos escravizados. Neste contexto, a Baixada Maranhense carrega fortes traços da dinâmica cultural ocorrida através do tempo e materializada nos ritos de morte atualmente.

De modo que nos levam a considerações que aproximam a utilidade dos objetos materiais em função ritual com a respectiva identidade e trajetória de vida das pessoas envolvidas. Dessa maneira, considera-se a produção desses objetos materiais com a proximidade e influência cultural indígena, dado o fato de o local fazer fronteira com os municípios com expressiva presença de remanescentes da etnia Gamela, o que nos leva perceber a ressignificação do objeto artesanal de origem indígena ressignificado em outros espaços e contextos.

Portanto, esse estudo reafirma que para além das fronteiras geográficas a cultura indígena perpassa através da cultura material, dos modos de vida, celebrações e sobretudo nas concepções de vida e morte desse povo. No Dia de Finados, momento reservado para interação entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos os ritos são elaborados por contribuições comuns de crenças vivas através da tradição e concebidas em relações recíprocas onde os objetos tem a função primordial de materializar e reafirmar o ato de lembrar dos mortos.

REFERÊNCIAS

ALBERTINI, Verena. **Manual de História Oral**. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

BARBOSA, Lemos, Pe. A. **Pequeno Vocabulo Tupi-Português**. Livraria São José: Rio de Janeiro, 1951.

BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, Arte e Política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Etnopesquisa crítica, etnopesquisa-formação**. 2ª. Brasília: Liber Livro Editora, 2010.

MONTEIRO, de Jesus Francisco. Depoimento [16 de maio de 2018]. São Vicente Férrer - MA. Entrevista concedida à Julyana Cabral Araújo.

MOURÃO, M.N; OLIVEIRA, A. C.C. **Memória afetiva e o artesanato religioso em Minas Gerais**. Brazilian Journal of Development. Curitiba, v. 7, n.2. p. 14261 – 14278, feb. 2021. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/24468/19545>. Acesso em: 19 de maio. 2021.

RIBEIRO, Berta G. **Arte indígena, linguagem visual**. Belo Horizonte: Itatiaia: São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1989.

SANTANA, S. José. Depoimento [16 de maio de 2018]. São Vicente Férrer - MA. Entrevista concedida à Julyana Cabral Araújo.